

BULLYING – UM MAL SILENCIOSO COM CONSEQUÊNCIAS DEVASTADORAS.

Diva De Mauro

Psicóloga

Fundação Juscelino Kubitschek

➤ RESUMO

Este artigo tem por finalidade levar ao conhecimento do público em geral o que venha a ser o fenômeno do Bullying escolar, trazendo algumas informações consideradas relevantes sobre como e em quais circunstâncias este fenômeno recebeu este nome que merece tradução, uma vez que acontece em todas as partes do planeta onde houver grupos de pessoas. Além de tentar delinear aspectos sobre as possíveis causas e devastadoras consequências para quem sofre deste mal, ou seja, para o vitimizado. Com vistas à prevenção, características de comportamento também são aqui apresentadas, a fim de que se possa, através de sinais no cotidiano, ser diagnosticado possíveis casos de Bullying, alertando quanto a importância de intervenções profissionais multidisciplinares.

➤ INTRODUÇÃO

“*Bullying*” é um termo que denomina atitudes persecutórias agressivas, sendo físicas ou morais, intencionais e repetidas que ocorrem sem motivação evidente por parte de um indivíduo ou um grupo contra outro(s), sempre numa relação desigual de poder, causando dor e angústia à vítima, a qual sem conseguir se defender de forma eficaz, na maioria das vezes, sofre em silêncio.

A palavra *Bullying* tem origem na palavra inglesa “*bully*” que faz menção ao indivíduo briguento, valentão, tirano, mandão, ou seja, os praticantes do bullying são denominados de bullies.

Bullying é o conjunto de agressões psicológicas e/ou físicas. Como verbo, quer dizer amedrontar, intimidar, tyrannizar, etc. O primeiro a relacionar a palavra ao fenômeno foi Dan Olweus, professor da Universidade da Noruega, ao pesquisar as tendências suicidas entre adolescentes, no fim da década de 70, tendo publicado os resultados na obra *Aggression in the Schools: Bullies and Whipping Boys*. Atualmente, alguns psicólogos ou estudiosos do assunto denominam como “violência moral”, “vitimização” ou “maus tratos entre pares”, entre pares porque este fenômeno se dá entre iguais, estudantes, na grande maioria das vezes.

De repercussão internacional, infelizmente, temos alguns exemplos que ocuparam grande período da atenção da mídia mundial, porém todos com ênfase na suposta facilidade em pertencer armas de fogo. O primeiro aconteceu na Noruega, em 1983, onde três alunos se suicidaram após terem sofrido *bullying* de colegas, severamente e por longo período. Outro exemplo ocorreu nos Estados Unidos em 1999, no qual dois alunos adolescentes foram autores de um massacre no Instituto Columbine do Estado do Colorado, matando 13 pessoas a tiros e deixando 21 feridos, cometendo suicídio em seguida. Ficou evidenciado depois, por relatos, que os dois eram ridicularizados na escola, e planejavam vingança, deixando as idéias publicadas num blog na internet.

O terceiro exemplo, também aconteceu nos Estados Unidos, em 2007, no Instituto Politécnico da Virgínia (Virginia Tech), onde o sul-coreano Cho Seung-hui, um jovem de 23 anos assassinou 32 pessoas, deixando 23 feridos, suicidando-se também em seguida. Este jovem documentou em detalhes às práticas que teria sofrido na universidade, este material chegou à emissora NBC.

Essas situações extremas de violência não ocorrem somente nos Estados Unidos ou na Europa como também, infelizmente, existiram. Aqui no Brasil, aconteceram casos de extrema agressividade na pequena cidade de Taiuva (São Paulo), onde um jovem de 18 anos feriu a tiros 6 estudantes, uma professora e um zelador, seguido de suicídio também como nos exemplos anteriores.

Também tiveram casos semelhantes na Bahia e na Paraíba. Ou seja, a questão é extremamente alarmante, pois todos os casos evidenciavam os agressores como tendo sofrido de *bullying* em ambiente escolar, sem distinção de classe social, raça, sexo ou idade.

Atualmente, o fenômeno do *bullying* está ganhando força na mídia, este se caracteriza como uma das piores formas de agressão. Por muito tempo o bullying permaneceu silencioso, sem o alarde necessário para que uma quantidade cada vez maior de pessoas tivesse ciência do que se tratava. O cenário mudou, já existem projetos de lei e programas anti-bullying estão ganhando corpo, e rapidamente nossa sociedade está conhecendo e reconhecendo casos de bullying.

Cada vez mais profissionais, de diversas áreas, estão se mostrando interessados e se envolvendo em ações anti-bullying, entre outros, podemos citar o caso dos profissionais da Educação, Psicologia, Enfermagem e Direito. O maior foco ainda está direcionado ao ambiente escolar, embora saibamos que existem outros tipos de bullying, como por exemplo, o cyberbullying, que são assédios morais via internet, o mobbingbullying que se configura no ambiente profissional, entre outros.

Este artigo focará o bullying escolar, para tanto, trago uma definição universal do que seja:

“Um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento”.
(A.Z.F. Cleodelice, www.psicologia.org.br)

O bullying causa dor, angústia e sofrimento à vítima de várias maneiras, podendo ser moral, física e/ou psicológica. Os resultados são “traumas” em crianças em fase de desenvolvimento psíquico, sendo que esta fase irá delinear a personalidade desses futuros adultos. Portanto, o que podemos constatar é que além da extrema importância desta fase na vida de qualquer ser humano, são adultos repetindo, muitas vezes, comportamentos aprendidos na infância. Desta forma, entendemos que as ações no sentido de combate a este fenômeno

sejam de absolutamente necessárias para resgatar a saúde emocional de crianças em fase escolar, evitando que sofram com problemas sociais no futuro.

Se pudéssemos montar uma peça teatral com os protagonistas do bullying num contexto específico, poderíamos contar com alguns papéis já comuns ao fenômeno. Normalmente estão envolvidos o “agressor”, que é quem agredirá o “supostamente” mais fraco; a “vítima típica”, que é quem normalmente é chamado de bode expiatório do grupo, ou seja, quem sofre as agressões num tipo de espiação das mazelas alheias; podemos contar também com a “vítima provocadora”, que é a pessoa que provoca algumas situações e não consegue lidar com elas; além da “vítima agressora” que é quem reproduzirá os maus-tratos que já sofreu; e o “espectador” que é a pessoa que assiste às agressões, está presente mas não agride e não é agredido.

As causas desse comportamento agressivo, por parte do bullies, são de toda ordem, normalmente o que se vê são agressores cujos responsáveis optam por educá-los de forma mais agressiva, variando entre palmadas até surras mais violentas. Também podemos identificar a ausência afetiva por parte dos cuidadores, o que torna as crianças mais carentes podendo ter reações agressivas no ambiente escolar. A referência do que seja figura de autoridade que as crianças têm de seus pais, também as influencia quanto ao modo de entenderem o poder e a violência, ou seja, se os responsáveis reagem de modo a afirmar seu poder pela imposição de força bruta, este comportamento pode ser reproduzido com os colegas dentro da escola. Enfim, normalmente, o comportamento das crianças é uma reprodução ou uma expressão de como são estabelecidas as relações afetivas fora do ambiente escolar. Estes agressores estão tentando se impôr “ilusória” e cruelmente pela violência, podendo comprometer suas condutas sociais também na vida adulta.

As conseqüências para as crianças vitimizadas são muito graves.

Desde a queda no rendimento escolar, passando pela dificuldade em se concentrar, ou seja, se instaura um absoluto desinteresse por assuntos escolares, quaisquer que seja, podendo culminar na evasão escolar. O que resulta como um ambiente desmotivador, ou seja, onde deveria ser o local que favorecesse o processo de aprendizagem, onde o desenvolvimento infantil fosse

estimulado em seu potencial máximo, acaba por se mostrar como um lugar inóspito, e tudo o que está inserido no contexto escolar seja entendido, por ela, também como inadequado.

No que tange o âmbito psicológico, as consequências são também extremamente graves por “marcarem” estas experiências no mais íntimo ser da criança, a sua alma. A criança vitimizada terá comprometida sua auto-estima, as sensações de medo, angústia, ansiedade, insegurança e raiva reprimida a engessa emocionalmente, criando fantasias assustadoras e variando nas reações sempre negativas para si, e por vezes, para os outros, por poder ter reações de irritabilidade extrema em casa.

Possivelmente, um vitimizado de bullying sentirá, em sua vida adulta, reflexos dessas agressões em momentos de enfrentamento, de superação de obstáculos, podendo desenvolver problemas psicológicos como transtorno do pânico, fobia escolar, fobia social (TAS), transtorno de ansiedade generalizada (TAG), depressão, anorexia e bulimia, transtorno obsessivo compulsivo (TOC), transtorno do estresse pós-traumático (TEPT), sintomas psicossomáticos, e em casos menos freqüentes, mas não com isenção, a esquizofrenia, o suicídio e o homicídio. Toda essa problemática poderia e pode ser poupada com a conscientização de que este fenômeno é cada vez mais frequente entre as crianças e jovens nas escolas, o bullying está também muito bem definido conceitualmente para que não haja mais confusão do que seja o bullying propriamente dito e as brincadeiras pueris ditas “normais”.

Embora suicídio e vingança sejam temas um tanto quanto “pesados”, não posso me furtar a comentá-los como consequência máxima do bullying, porém possíveis e já bastante vistos. Os sentimentos que permeiam os pensamentos do vitimizado pelo bullying são, no seu ápice, de extravasar a raiva contida e “devolver” a violência recebida, podendo ser produzida contra outra(s) pessoa(s) e/ou contra si mesmo. Tendo em vista as tragédias citadas no início deste artigo. Na grande maioria das vezes, estas são reações identificadas em vitimizados que têm medo de denunciar seus agressores ou se sentem humilhados e com vergonha de expressar fraqueza, por isso mesmo, também são mais difíceis de serem percebidas pela escola, amigos ou familiares da criança.

Todos estes aspectos apresentados ocorrem se não houver uma intervenção psicológica preventiva ou diagnóstica.

➤ Como detectar o bullying

Já temos delineadas algumas características que nos auxiliam quanto à detecção e reconhecimento do que seja o bullying. Estudiosos explicam que normalmente as agressões não acontecem isoladas umas das outras, elas podem vir como agressão verbal, física e material, psicológica e moral e/ou sexual.

As agressões verbais compreendem em insultar, ofender, xingar, fazer gozação, colocar apelidos pejorativos, fazer piadas ofensivas e/ou “zoar”.

Já as agressões físicas e materiais se caracterizam por bater, chutar, espancar, empurrar, ferir, beliscar, roubar ou destruir algum pertence do vitimizado, entre outros.

As agressões psicológicas e morais acontecem de forma subjetiva, causando danos no psiquismo da vítima. São eles o irritar, humilhar e ridicularizar, excluir, isolar, desprezar, discriminar, aterrorizar, ameaçar, dominar, perseguir, difamar, fazer intrigas, tiranizar, entre outros.

Sem esquecer das agressões sexuais se caracterizando pelo abusar, violentar, assediar e insinuar.

Lembrando novamente que o foco deste artigo é discorrer sobre o bullying dentro do ambiente escolar, também menciono neste parágrafo sobre outra forma muito comum de bullying em fase escolar, o cyberbullying, ou seja, a agressão virtual que através do avanço tecnológico, encontrou em ferramentas como computador ligado à rede da internet, nos celulares, enfim, nos aparelhos de comunicação, espaço para difundir agressões em forma de maledicências e calúnias, capaz de um alcance avassalador, extremamente rápido. Porém,

entendo que este tipo de bullying mereça atenção especial num artigo específico pela sua complexidade e gravidade.

➤ Comportamentos comuns em vítimas de bullying

Existem alguns comportamentos por parte da criança vitimizada que nos servem de dicas para, que através da observação, tenhamos a oportunidade de diagnosticar casos de bullying.

Dentro do ambiente escolar e dentro de casa, alguns sinais são comuns aos vitimizados, como por exemplo, o isolamento somado à feição de tristeza ou aflição, resultando na exclusão por parte do grupo o que os desestimula fazendo com que seu rendimento sofra uma queda significativa, como citado anteriormente, podendo chegar à evasão escolar.

Em casa, as crianças também demonstram que existe algo diferente acontecendo. Apresentam queixas constantes de dores de cabeça, dores na barriga ou de estômago, enjôo, dificuldade para dormir, mudanças repentinas de humor como explosões de irritabilidade extrema ou raiva. O isolamento também aparece no ambiente doméstico, normalmente estas crianças tem poucos amigos e, não incomum, sempre que possível, o vitimizado acaba por gastar mais dinheiro do que pode comprando objetos a fim de agradar os outros numa tentativa desesperada de pararem com as agressões, atitude esta que os agressores usam para se aproveitar destes ganhos materiais. Além de pedirem constantemente aos responsáveis para faltarem às aulas, se mostrarem tristes, sonolentas e sem apetite.

➤ CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos dessa forma, que mesmo diante da cultura de violência que, infelizmente, nossa sociedade está inserida, a busca pela paz, pelo conhecimento, pelo amor ao próximo, pela desconstrução do entendimento equivocado do que seja a individualidade, vista hoje como individualismo egoísta, somado à junção de esforços entre os diversos âmbitos profissionais e sociais apresentados acima, através de políticas públicas direcionadas a findar com este tipo de violência entre crianças, acima de tudo, e abrangendo a sociedade na sua totalidade, talvez consigamos fomentar uma transformação desta cultura violenta a nos abrandarmos socialmente com a contracultura da paz.

O bullying, sem dúvida, é um assunto merecedor dos holofotes de todas as profissões, de toda a sociedade, evitando que situações constrangedoras produzam adultos com marcas permanentes de abuso e humilhação, ou adultos que perpetuem atitudes maléficas e sem sentido.

O Bullying é um problema social, e assim deve ser visto.

REFERÊNCIAS

SILVA, Ana Beatriz Barbosa Silva. Mentres perigosas nas escolas: Bullying. Rio de Janeiro, 2010. Ed. Fontanar.

ALBINO, Priscilla Linhares & TERÊNCIO, Marcos Gonçalves. Considerações críticas sobre o fenômeno do Bullying: do conceito ao combate e à prevenção. Artigo publicado em Atuação – Revista Jurídica do Ministério Público Catarinense, n. 15, jul./dez. 2009, p.169-195.

FANTE, Cleodelice Aparecida Zonato. “O fenômeno Bullying e as suas conseqüências psicológicas”; Psicologia.org.br – Academia Brasileira de Psicologia – ABP. Disponível em: <http://www.psicologia.org.br/internacional/pscl84.htm>. Acesso em 20/08/2010.

CAVALCANTE, Meire. “Como lidar com brincadeiras que machucam a alma”. Revista NOVA ESCOLA, n.178, dez/2004.